

Zygmunt Bauman

VIGILÂNCIA LÍQUIDA

Diálogos com David Lyon

Tradução:

Carlos Alberto Medeiros



• Introdução •

A vigilância é uma dimensão-chave do mundo moderno; e, na maioria dos países, as pessoas têm muita consciência de como ela as afeta. Não apenas em Londres e Nova York, mas também em Nova Délhi, Xangai e Rio de Janeiro, as câmeras de vídeo são elemento comum nos lugares públicos. Por toda parte, viajantes em passagem por aeroportos sabem que precisam atravessar não apenas o controle de passaportes em sua versão do século XXI, mas também por novos dispositivos, como escâneres corporais e aparelhos de checagem biométrica, que têm proliferado desde o 11 de Setembro. E se tudo isso tem a ver com segurança, outros tipos de vigilância, relativos a compras rotineiras e comuns, acesso on-line ou participação em mídias sociais, também se tornam cada vez mais onipresentes. Temos de mostrar documentos de identidade, inserir senhas e usar controles codificados em numerosos contextos, desde fazer compras pela internet até entrar em prédios. A cada dia o Google anota nossas buscas, estimulando estratégias de marketing customizadas.

Mas o que significa isso do ponto de vista social, cultural, político? Se partirmos simplesmente de novas tecnologias ou de regimes regulatórios, poderemos formar uma ideia da amplitude desse fenômeno. Mas será que conseguiremos compreendê-lo? Decerto, ter uma noção da magnitude e da rápida difusão do processamento de dados é fundamental para que a onda de vigilância seja avaliada pelo que ela é; e descobrir exatamente quais

chances e oportunidades de vida são afetadas por esse fenômeno irá galvanizar os esforços no sentido de controlá-lo. Mas este diálogo tem uma pretensão maior: a de cavar mais fundo – investigar as origens históricas e ocidentais da vigilância atual e sugerir questões éticas, assim como políticas, sobre sua expansão.

Por muitas décadas, a vigilância tem sido tema constante da obra de Zygmunt Bauman, e muitas de suas observações, a meu ver, são de grande interesse para os que hoje tentam entender esse fenômeno e reagir a ele. Na primeira década do século XXI, Bauman tornou-se mais conhecido por suas análises sobre a ascensão da “modernidade líquida”, e aqui examinamos se esse arcabouço também é esclarecedor quando se avalia o papel contemporâneo da vigilância. Mas o outro leitmotiv da análise de Bauman é a ênfase na ética, principalmente a ética do Outro. Em que medida isso oferece uma compreensão crítica sobre a vigilância nos nossos dias?

Vigilância líquida?

“Vigilância líquida” é menos uma forma completa de especificar a vigilância e mais uma orientação, um modo de situar as mudanças nessa área na modernidade fluida e perturbadora da atualidade. A vigilância suaviza-se especialmente no reino do consumo. Velhas amarras se afrouxam à medida que fragmentos de dados pessoais obtidos para um objetivo são facilmente usados com outro fim. A vigilância se espalha de formas até então inimagináveis, reagindo à liquidez e reproduzindo-a. Sem um contêiner fixo, mas sacudida pelas demandas de “segurança” e aconselhada pelo marketing insistente das empresas de tecnologia, a segurança se esparrama por toda parte.

A noção de Bauman de modernidade líquida estrutura a vigilância de novas maneiras; oferece também notáveis insights sobre o motivo pelo qual a vigilância se desenvolve tal como o

faz e algumas ideias produtivas sobre como seus piores efeitos podem ser confrontados e neutralizados. Evidentemente, essa é minha visão da situação. O que Zygmunt Bauman pensa torna-se claro em nosso diálogo.

Aceita-se de forma ampla que a vigilância é uma dimensão central da modernidade. Mas a modernidade não fica parada. Também temos de indagar: que *tipo* de modernidade? As condições atuais podem ser descritas como modernidade “tardia”, possivelmente “pós-modernidade” ou, de modo mais pitoresco, modernidade “líquida”. Zygmunt Bauman sugere que a modernidade tem se *liquidificado* de novas e diferentes maneiras (para além do insight de Marx e Engels, na fase inicial da modernidade, de que “tudo que é sólido se desmancha no ar”). Duas características se destacam.

Em primeiro lugar, todas as formas sociais se desmancham mais depressa que a velocidade com que se criam novas formas. Elas não podem manter seu molde nem se solidificar em arcabouços de referência para as ações e estratégias de vida dos seres humanos em função da brevidade de sua própria vida útil. Será que isso se aplica à vigilância? Uma série de teóricos tem observado as maneiras pelas quais a vigilância, antes aparentemente sólida e estável, se tornou muito mais móvel e flexível, infiltrando-se e se espalhando em muitas áreas da vida sobre as quais sua influência era apenas marginal.

Gilles Deleuze introduziu a expressão “sociedade de controle”, na qual a vigilância cresce menos como uma árvore – relativamente rígida, num plano vertical, como o pan-óptico – e mais como ervas daninhas.¹ Como observam Kevin Haggerty e Richard Ericson, a “montagem da vigilância” capta fluxos do que se poderia chamar de dados corporais, transformando-os em “duplicatas de dados” altamente móveis e fluidas.² William Staples também observa que a vigilância atual ocorre em culturas “caracterizadas pela fragmentação e pela incerteza, quando muitos dos significados, símbolos e instituições antes tidos como certos se

dissolvem diante de nossos olhos”.³ Assim, o que é seguro, estruturado e estável se liquefaz.

Bauman concorda que o pan-óptico foi um meio moderno fundamental no que se refere à manutenção do controle, imobilizando os prisioneiros e promovendo o movimento dos observadores. Mas estes às vezes ainda tinham de estar presentes. Evidentemente, o projeto pan-óptico da prisão também era caro. Foi planejado para facilitar o controle mediante a organização semicircular dos blocos de celas, e o “inspetor”, situado no centro, podia ver todas elas mantendo-se invisível para os prisioneiros por trás de uma cortina. Ele obrigava o inspetor a assumir certa responsabilidade pela vida dos prisioneiros. O mundo de hoje, diz Bauman, é pós-pan-óptico.⁴ O inspetor pode escapular, fugindo para domínios inalcançáveis. O engajamento mútuo acabou. Mobilidade e nomadismo são agora valorizados (a menos que você seja pobre ou sem-teto). O menor, mais leve e mais rápido é considerado bom – pelo menos no mundo dos iPhones e iPads.

O pan-óptico é apenas um modelo de vigilância.⁵ A arquitetura das tecnologias eletrônicas pelas quais o poder se afirma nas mutáveis e móveis organizações atuais torna a arquitetura de paredes e janelas amplamente redundante (não obstante *firewalls* e *windows*). E ela permite formas de controle que apresentam diferentes faces, que não têm uma conexão óbvia com o aprisionamento e, além disso, amiúde compartilham as características da flexibilidade e da diversão encontradas no entretenimento e no consumo. O check-in do aeroporto pode ser feito com um smartphone, mesmo que as trocas internacionais envolvendo o crucial RNP (Registro do Nome do Passageiro) ainda ocorram, estimuladas pelo mecanismo original de reserva (ela própria possivelmente gerada no mesmo smartphone).

Desse ponto de vista, disciplina e segurança têm realmente uma conexão entre si, algo que Michel Foucault não conseguiu reconhecer. Ele insistia em afirmar que eram duas coisas distintas, embora suas conexões (eletrônicas) já estivessem evidentes. A segurança transformou-se num empreendimento orientado

para o futuro – agora nitidamente descrito no filme e no romance intitulados *Minority Report* (2002) – e funciona por meio da vigilância, tentando monitorar o que *vai* acontecer pelo emprego de técnicas digitais e raciocínio estatístico. Como assinala Didier Bigo, essa segurança opera acompanhando “*qualquer coisa que se mova* (produtos, informações, seres humanos)”.⁶ Assim, a segurança funciona a distância tanto no espaço quanto no tempo, circulando de maneira fluida, juntamente com os Estados-nação, mas para além deles, num domínio globalizado. Tranquilidade e recompensas acompanham esses grupos móveis para os quais essas técnicas são feitas como se fossem “naturais”. Processos de estereotipia e medidas de exclusão estão à espera dos grupos desafortunados o bastante para serem rotulados de “indesejados”.

Em segundo lugar, e relacionado com isso, poder e política estão se separando. O poder agora existe num espaço global e extraterritorial, mas a política, que antes ligava interesses individuais e públicos, continua local, incapaz de agir em nível planetário. Sem controle político, o poder torna-se fonte de grande incerteza, enquanto a política parece irrelevante para os problemas e temores da vida das pessoas. O poder de vigilância, tal como o exercido por departamentos governamentais, agências de polícia e corporações privadas, enquadra-se muito bem nessa descrição. Até as fronteiras nacionais, antes geograficamente localizadas – ainda que de modo arbitrário –, agora aparecem, nos aeroportos, distantes das “bordas” territoriais, e, o que é mais significativo, em bases de dados que podem nem estar “no” país em questão.⁷

Prosseguindo com o exemplo, a questão das fronteiras mutáveis, para muitos, é fonte de grande incerteza. É um momento de ansiedade passar pela segurança de um aeroporto sem saber exatamente em que jurisdição se está ou para onde irão seus dados pessoais, em especial quando se faz parte de uma população suspeita. E se você for desafortunado a ponto de ser detido ou descobrir que seu nome está numa lista de pessoas proibidas de voar, saber o que fazer é muitíssimo difícil. Além disso, é um

desafio assustador realizar mudanças políticas que possam, por exemplo, tornar mais simples as viagens necessárias.

A fusão de formas sociais e a separação entre poder e política são duas características básicas da modernidade líquida que têm óbvia repercussão na questão da vigilância, mas vale mencionar duas outras conexões. Uma delas é a conexão mútua entre as novas mídias e os relacionamentos fluidos. Enquanto alguns culpam as novas mídias pela fragmentação social, Bauman vê as coisas funcionando nas duas direções. Ele sugere que as mídias sociais são um produto da fragmentação social, e não apenas – ou necessariamente – o contrário. Diz ele que, na modernidade líquida, o poder deve ser livre para flutuar, e barreiras, cercas, fronteiras e postos de controle são um transtorno a ser superado ou contornado. Densas e estreitas redes de vínculos sociais, especialmente com base no território, devem ser eliminadas. Para ele, é antes de tudo o caráter instável desses vínculos que permite o funcionamento dos poderes.

Aplicado à mídia social, isso é controverso, pois muitos ativistas veem um grande potencial de solidariedade social e organização política em tuítes e mensagens. Pense nos movimentos Occupy, o protesto generalizado dos chamados 99% contra o privilégio e o poder do 1% nos países mais ricos do mundo; ou na Primavera Árabe de 2011. Entretanto, essa é uma área a ser cuidadosamente observada, no mínimo porque *já* está sob vigilância. A mídia social depende, para sua existência, do monitoramento de usuários e da venda de seus dados para outros. As possibilidades de resistência da mídia social são atraentes e, de alguma forma, fecundas, mas também são limitadas, tanto pela falta de recursos para relacionamentos duradouros num mundo em liquefação quanto pelo fato de o poder de vigilância no interior da mídia social ser endêmico e significativo.

A conexão final a ser feita aqui é que os tempos líquidos oferecem alguns desafios profundos para quem deseja agir de maneira ética, ainda mais no mundo da vigilância. O reconhecimento por Bauman das incertezas endêmicas num mundo

líquido moderno exprimem o problema tal como ele o vê. E sua atitude preferida, rejeitando regras e regulações inertes, é vista em sua ênfase na relevância do encontro vivido com o Outro. Perceber nossa responsabilidade para com o ser humano diante de nós é o ponto de partida.

Duas grandes questões confrontam aqui a ética da segurança. Uma delas é a lastimável tendência ao que Bauman chama de “adiaforização”, em que sistemas e processos se divorciam de qualquer consideração de caráter moral.⁸ “Não é meu departamento”, seria a típica resposta burocrática a questionamentos sobre a correção de avaliações ou julgamentos oficiais. A outra é que a vigilância torna mais eficiente o processo de fazer coisas a distância, de separar uma pessoa das consequências de sua ação. Assim, os controles de fronteiras podem parecer automatizados, desapaixonados, mesmo quando negam a entrada de uma pessoa em busca de asilo que tenha a origem étnica “errada”, temendo por sua própria vida se for enviada de volta.

Outro ângulo da adiaforização em termos de vigilância é a forma como dados do corpo (dados biométricos, DNA) ou por ele desencadeados (por exemplo, situações em que se faz um login, usa-se um cartão de acesso ou mostra-se a identidade) são sugados para bases de dados a fim de serem processados, analisados, concatenados com outros dados e depois cuspidos de volta como “replicação de dados”. As informações que fazem as vezes da pessoa são constituídas de “dados pessoais” apenas no sentido de que se originaram em seu corpo e podem afetar suas oportunidades e escolhas existenciais. A “replicação e fragmentação de dados” tende a inspirar mais confiança que a própria pessoa – que prefere contar sua própria história. Os designers de software dizem que estão simplesmente “lidando com dados”, de modo que seu papel é “moralmente neutro” e suas avaliações e distinções são apenas “racionais”.⁹

Pense líquido

Assim, até que ponto a noção de modernidade líquida – e, aqui, de vigilância líquida – nos ajuda a entender o que está ocorrendo no mundo de monitoramento, rastreamento, localização, classificação e observação sistemática que é a vigilância? A resposta simples, em uma só palavra, é “contexto”. É fácil interpretar a difusão da vigilância como fenômeno tecnológico ou como algo que lida simplesmente com “controle social” e “Grande Irmão”. Mas isso é colocar toda a ênfase em instrumentos e tiranos, e ignorar o espírito que anima a vigilância; as ideologias que a impulsionam; os eventos que a possibilitam; e as pessoas comuns que concordam com ela, a questionam ou decidem que, se não podem vencê-la, é melhor juntarem-se a ela.

As interpretações populares da vigilância veem essas manifestações como a marcha cada vez mais acelerada da tecnologia, colonizando sempre novas áreas da vida e deixando cada vez menos áreas intocadas, “indígenas”, da existência “privada”. Assim, do onipresente código de barras que identifica várias classes de produtos segundo o tipo ou a fábrica, passamos para os chips de identificação por radiofrequência (RFID, de Radio Frequency Identification), que oferecem identificadores individuais para cada produto. Mas não apenas produtos. RFIDs também são usados em passaportes e roupas, e os dados que emitem podem ser facilmente conectados ao portador ou usuário. Ao mesmo tempo, outros dispositivos, como os códigos de resposta rápida (QR, de Quick Response code), conjuntos de símbolos quadriculados que podem ser escaneados com um smartphone, aparecem em muitos produtos, marcas e, sim, roupas (embora também tenham origem na busca de cadeias aceleradas de suprimentos). Use um bracelete de silício com um QR como acessório da moda, e basta sussurrar “me escaneie”. Isso faz com que se abra uma página da web com seus dados de contato, links de mídia social e todo o resto. Você é um hyperlink humano.